# ANEXOS


- ANEXO I - OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS, ORTHODOXIA RADICAL, PROMOVIDOS PELA CAMBRIDGIANA CATHERINE PICKSTOCK, O PADRE BARTHE E O REVERENDO CHADWICK
- ANEXO II - GRÉGORY SOLARI, O EDITOR DE CATHERINE PICKSTOCK, GOSTA MUITO DA INGLATERRA E DA « CRISTANDADE EM MINIATURA » QUE REPRESENTA AOS SEUS OLHOS O ANGLICANISMO
- ANEXO III - QUEM É O REVERENDO CHADWICK?
- ANEXO IV – TEXTO DO REVERENDO CHADWICK DESCREVENDO ‘SEU ESPÍRITO’

# ANEXO I - OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS, ORTHODOXIA RADICAL, PROMOVIDOS PELA CAMBRIDGIANA CATHERINE PICKSTOCK, O PADRE BARTHE E O REVERENDO CHADWICK

Citamos aqui o estudo "*L'AngliCampos*" da CSI-Diffusion[30], publicado em 5 de julho de 2005 e que publicamos em nosso site. Os anexos citados no estudo da CSI-Diffusion encontram-se no documento "*L'Anglicampos*".

**Início da citação da CSI-Diffusion**

## 6.1 - Algumas figuras principais da Orthodoxia Radical

### 6.1.1 - John Milbank

*« Pai fundador do movimento Orthodoxia Radical, John Milbank é desde setembro de 2004 professor de religião, política e ética na Universidade de Nottingham (Reino Unido). Nascido em*

*1952 ao norte de Londres, este anglo-católico lecionou nas universidades de Lancaster, Cambridge e Virginia (nos Estados Unidos).*

*Seu livro fundamental "Theology and Social Theory" lançou uma reflexão profunda sobre a secularização e a alternativa oferecida pela teologia cristã. »* ***Denis Sureau Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

## 6.1.2 - Catherine Pickstock

Teóloga anglicana da ramificação tractariana da Alta Igreja, a ramificação anglo-católica (ver Anexo A).

*« Eu nasci em Nova York, mas fui criada em Islington, depois em Highbury, ao norte de Londres, e fui à escola em Highgate. Sou filha única. Minha pertença religiosa é complexa: segundo a convenção judaica, sou inteiramente judia. Mas do lado do meu pai, somos de uma linhagem de socialistas e sindicalistas metodistas de Derbyshire. Meus avós paternos me introduziram muito jovem à liturgia na tradição anglicana. »* ***Catherine Pickstock***

*« Nós três somos, com certeza, herdeiros das tradições da Alta Igreja anglicana e também das do movimento de Oxford, e percebemos a Orthodoxia Radical como parte de uma tentativa de revigorar o pensamento anglo-católico*[31]*, embora em aliança com muitos católicos romanos. Uma grande parte dos temas de nossa obra constitui o prolongamento de tendências anteriores da teologia anglo-católica: o sacramentalismo, por exemplo, e o encarnacionismo, assim como o interesse por Platão, a insistência de que a salvação consiste na pertença à Igreja concebida como a verdadeira sociedade, e o compromisso com a política socialista. »* ***Catherine Pickstock***

*« De forma alguma apoio a posição de Monsenhor Lefebvre, que é leal às tradições da Contra-Reforma e politicamente muito conservadora. »* ***Catherine Pickstock***

*« A posição de Monsenhor Mannion e do Padre Nichols tem toda a minha simpatia. »* ***Catherine Pickstock***

*« Sou favorável à ordenação das mulheres, bem como à sua participação integral em cada aspecto da liturgia. »* ***Catherine Pickstock***

*« Esta jovem teóloga e filósofa anglo-católica britânica, ex-aluna de John Milbank, ensina em Cambridge.*

*Especialista em Platão e Santo Agostinho, ela é autora de uma tese (After writing, a ser publicada em francês sob o título de Lettre morte) que mostra como a eucaristia oferece uma resposta definitiva aos problemas da filosofia da linguagem (notadamente aqueles levantados por Jacques Derrida).*

*À cidade "laica" que corta o homem de sua participação em Deus, ela opõe a visão cristã-social de uma cidade litúrgica. A participação em Deus implica uma participação social. O renovamento do homem interior é acompanhado do renovamento da comunidade humana, a partir da Igreja concebida como o local inicial dessa comunidade renovada. Ora, é pela liturgia que o homem e,*

*consequentemente, a sociedade experimentam a participação em Deus e rompem a monotonia da vida secular. »* ***Denis Sureau Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

## 6.1.3 - William T. Cavanaugh

*« Jovem, leigo e teólogo.*

*A América, sempre nos surpreenderá. Para prova, William T. Cavanaugh. Primeira originalidade: este jovem teólogo profissional é um leigo, casado, pai de três filhos, Finnian, Declan e Eamon. Uma originalidade, visto da França, onde os teólogos de profissão são quase todos clérigos e onde os bachareis não se lançam em estudos universitários de teologia. E foi isso que Bill fez, de forma brilhante, acumulando diplomas e prêmios de excelência, primeiro na University of Notre Dame (em Indiana), depois em Cambridge, na Inglaterra, onde passou dois anos e descobriu as alegrias britânicas do remo.*

*Segunda originalidade: Bill não se contenta em defender um catolicismo ativo na cidade. Ele o vive. Antes de retornar ao país para completar seus estudos, decidiu partir para as favelas de Santiago do Chile, a fim de ajudar na construção de habitações. Ele descobriu lá uma Igreja confrontada com a miséria e a violência. Dessa experiência nascerá seu primeiro livro, Torture et Eucharistie (tradução em francês a ser publicada em breve pela Ad Solem), uma reflexão fascinante de teologia política.*

*Terceira originalidade: o catolicismo de Bill é universal. Se ele ensina agora na Universidade de Saint-Thomas, em Saint-Paul, no estado de Minnesota, seu segundo livro foi publicado em francês pelas edições genebinas Ad Solem: "Eucharistie et mondialisation". Sua versão reescrita em inglês foi publicada posteriormente por um editor escocês sob o título "Theopolitical Imagination" (T & T Clark 2002). A Igreja transcende as fronteiras. Apaixonado por esses trabalhos, o arcebispo de Granada está prestes a publicá-los em espanhol.*

*Quarta originalidade: a reflexão teológica de Bill avança em interação permanente com os teólogos de outras confissões, como seu antigo orientador de tese, Stanley Hauerwas, um menonita. E ele é um companheiro de jornada dos pensadores anglicanos do movimento Orthodoxia Radical (Milbank, Pickstock, Ward).*

*Em 2003, Bill assinou, com mais de uma centena de teólogos americanos, um apelo contra a guerra no Iraque. Seu próximo livro desmontará o Mito da violência religiosa. E se o renascimento teológico no século XXI viesse do outro lado do Atlântico? »* ***Denis Sureau Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

# 6.2 - O que é Orthodoxia Radical?

Trata-se de um movimento teológico lançado por acadêmicos anglicanos de Cambridge no início dos anos 1990, e que desde então não cessou de se expandir em meios religiosos muito diversos, suscitando hoje uma federação de defensores entre os anglicanos e figuras da movimentação conservadora ou Ecclesia Dei da Igreja conciliar.

*« A circulação, em 1997, de dois manifestos com títulos provocadores, "Orthodoxia Radical: Vinte e Quatro teses" (!) e "Orthodoxia Radical: Vinte teses mais", assim como a publicação, em 1998, de um compêndio intitulado "Orthodoxia Radical - Uma nova teologia" [2] provocou uma controvérsia no mundo acadêmico e eclesiástico anglófono que pode surpreender em uma época pobre em adversidade e rica em indiferença. Rejeitada por alguns por sua arrogância e sua suposta orientação reacionária, e saudada por outros como o maior movimento desde a "nova teologia", a Orthodoxia Radical se apresenta como o único movimento teológico contemporâneo capaz de devolver à teologia o status que lhe cabe, ou seja, "reivindicar o mundo situando suas preocupações e atividades em um quadro teológico [...] isto é, em termos de Trindade, de cristologia, de Igreja e de Eucaristia [... e], frente ao colapso secular da verdade [...], reconfigurar a verdade teológica". [3] Se seus defensores e opositores concordam em uma coisa, é que este é o movimento teológico contemporâneo mais debatido em terras anglo-saxônicas. (...)*

*O realismo teológico professado pela Orthodoxia Radical pretende ser novo, na medida em que busca retomar e aprofundar a filosofia cristã historicista e pragmática (na esteira de Maurice Blondel) e a "nova teologia" (na influência de Marie-Dominique Chenu, Henri de Lubac e Hans Urs von Balthasar), ao mesmo tempo em que rejeita o caminho da teologia natural tal como se desenvolveu desde a época de John Duns Scot (1266-1308) e Guilherme de Ockham (c. 1288/89-1349). (...)*

*A Orthodoxia Radical reveste-se de um duplo interesse para a teologia e a filosofia católica contemporânea. Por um lado, esse movimento se posiciona, acima de tudo, em relação à produção filosófica e teológica francesa contemporânea, em primeiro lugar a fenomenologia de Jean-Luc Marion e Michel Henry. Por outro lado, visa reatar e aprofundar o pensamento de Maurice Blondel e da "nova teologia", cuja herança, segundo os autores "radical-ortodoxos", não foi assimilada pela teologia católica do século XX. »* ***Adrian Pabst****, Introdução à teologia de John Milbank e à "Orthodoxia Radical" (Anexo E)*

## 6.2.1 - Histórico

*« Depois de sete séculos de deriva cultural, três séculos de obscuridade espiritual, (...) surgem* ***flores tão frescas quanto na manhã do mundo****. A fé da Orthodoxia Radical, nascida em Cambridge* ***para a honra da Igreja anglicana*** *e reunindo cada vez mais pensadores de diferentes confissões cristãs, é prova disso. »* ***J.P. Maisonneuve*** *(Catholica N°84 – verão de 2004) (Anexo D)*

*« O movimento (Orthodoxia Radical) foi lançado por mim, John Milbank (meu orientador de tese) e Graham Ward, que na época era o decano de Peterhouse. »* ***Catherine Pickstock*** *(Anexo A)*

## 6.2.2 - Doutrina

« **Nós nos inscrevemos no movimento iniciado pela *Nova Teologia* na medida em que acreditamos que existe em todas as mentes criadas, tanto angélicas quanto humanas, um desejo natural inato pelo sobrenatural.** *E vamos tão longe a ponto de afirmar (o que já era sugerido pela teologia de Henri de Lubac) que* ***não existe ser livre e racional que não tenha como finalidade a visão beatífica****. Acreditamos ainda que tal ser, livre e racional, manifesta*

*(ainda que por uma espécie de necessidade estética) o caráter aporético da Criação - ou seja, o fato de que a Criação provém inteiramente do ser divino enquanto existe realmente em sua própria ordem. (...) Sem uma tal ontologia, não pode haver uma verdadeira valorização do "temporal" e do "encarnado". A matéria encontra-se assim paradoxalmente evacuada, vazia de sua substância para revelar o nada que ela encobria.* ***A temporalidade e a matéria encontram seu justo valor somente quando lhes foi retirada toda autonomia própria, para que dependam apenas da eternidade da qual recebem seu ser por participação.*** *O reconhecimento dessa participação metafísica constitui também o verdadeiro fundamento da participação social. Pois se acreditamos que temos uma origem comum e uma finalidade comum, então torna-se ontologicamente possível aos seres humanos viverem juntos em harmonia. »*

***Crítica da modernidade***

« A modernidade se define por um certo modo de teologia que refutamos e que tem suas raízes na Idade Média. Essa teologia atribui aos seres humanos dois fins bem distintos: um natural, outro sobrenatural, o que gerou, como Henri de Lubac destacou, tanto um humanismo desprovido de religião quanto uma religião separada de todo prolongamento e de todo enraizamento no domínio cultural. Para um humanismo sem religião, o real acabará por ser reduzido exclusivamente ao que o homem pode controlar plenamente. Por falta de se dar uma razão suficiente para se valorizar, esse humanismo culminará, de forma natural, em uma forma de anti-humanismo de caráter nihilista. **Da mesma maneira, uma religião desprovida de cultura terá uma ideia puramente formal e extrínseca da salvação, e será tentada a ver na Igreja apenas uma espécie de organização destinada a administrar a medicina da *graça.*** *Não vemos nada de inevitável no fenômeno da secularização da sociedade e não nos resignamos a esse estado de coisas. Para nós, a secularização é a criança natural de uma falsa teologia e de uma falsa eclesiologia. Está ao alcance da teologia inverter esse processo, que, em última análise, é intelectual, mesmo que a mentalidade gerada por esses modos de pensamento esteja profundamente enraizada na prática social. »* ***John Milbank****, entrevista concedida à l'Homme Nouveau, n° 1320*

*« É de certa forma, em 443 páginas, JOHN MILBANK, Theology & Social Theory. Beyond Secular Reason [Teologia e Teoria Social. Além da Razão Laica], Blackwell, Oxford, 1990, o programa inicial do movimento Orthodoxia Radical e que indica seu principal objetivo:* ***enfrentar o suporte operacional da secularização que constituem as ciências humanas, e substituí-las pela reflexão social cristã concebida como uma espécie de teologia da libertação de tipo ocidental e certamente não marxista****. J. Milbank recusa a concepção clerical da Igreja (que ele chama de integralismo), critica a sociologia da religião baseada no positivismo - especialmente a de Talcott Parsons e seus discípulos — e rejeita a versão rahneriana do que ele denomina integralismo (natureza e graça), que se desviou na teologia política germânica e latino-americana. Para ele, Rahner deve ser afastado devido à sua negação do sobrenatural, enquanto* ***a "versão francesa" do integralismo pode constituir a base de uma verdadeira concepção da cidade alternativa*** *("the other City"). Assim, ele se coloca sob o patrocínio de Blondel, de Lubac e Urs von Balthasar (mas não de Congar, que o deixa um pouco perplexo). Embora haja muito a discutir sobre tudo isso, devemos destacar, antes de tudo, a intenção: « Este livro [...] é pensado para superar o pathos da teologia moderna [...], a falsa humildade, um defeito necessariamente fatal, pois se a teologia reduz sua pretensão a ser apenas um metadiscurso, ela se torna incapaz*

*de articular a palavra do Deus criador e se transforma em oráculo de uma ideia acabada, como o estudo histórico, a psicologia humanista ou a filosofia transcendental. »* ***Bernard Dumont*** *(Catholica N°70 – verão de 2004) (Anexo C)*

*«* ***O movimento Orthodoxia Radical, nascido em Cambridge, conquistou em dez anos uma importância capital no mundo teológico anglo-saxão****. Enquanto a inteligência católica francesa parece anêmica, enfraquecida, incerta,* ***o audacioso esforço intelectual de nossos amigos do outro lado do Canal brilha por sua perspicácia e profundidade****.* ***Com eles, acreditamos que o mundo está antes de tudo doente de secularização****, e que apenas uma crítica "radical" de ordem teológica poderá traçar caminhos para sair dessa situação.*

*O processo de secularização foi desencadeado há mais de seis séculos. A Orthodoxia Radical identifica suas primeiras expressões em certos teólogos medievais e, em seguida, examina com lucidez sua evolução. No ponto de partida, está o projeto de pensar a ordem natural, o homem e a sociedade de forma independente (e depois, em um segundo momento, contra) a revelação da ordem sobrenatural. Esse programa assume diversas formas: desde a progressiva marginalização da teologia até a reconstrução abstrata de um homem separado de sua vocação sobrenatural em uma sociedade que aprende a funcionar como se Deus não existisse. Isso implica, como Péguy vislumbrou, mutilar o homem concreto com toda a riqueza de suas experiências. Deus é assim expulso de todos os domínios da vida. Mas, uma vez que Deus está em todo lugar, a ausência de Deus é o nada. Conceber a criação sem a participação no ser divino que a funda conduz diretamente ao nihilismo.*

*São Tomás de Aquino tem essa fórmula que merece ser longamente meditada: tudo o que se diz de verdadeiro vem do Espírito Santo. Em linguagem mais técnica,* ***John Milbank e seus amigos recordam que, na grande visão patrística e medieval, fé e razão supõem uma participação no intelecto de Deus.*** *É por isso que somente a fé pode restaurar nossa razão natural; e, reciprocamente, um bom uso da razão é impossível sem uma fé ao menos implícita.*

*Este lembrete está subjacente ao tema da evangelização* da *cultura. Nos anos trinta, os jocistas tinham como ideal "refazer a sociedade cristã". Isso implica também "refazer uma cultura cristã". Isso é verdadeiro no sentido estrito que se dá hoje à palavra cultura: as artes e as letras. A este respeito, deve-se alegrar com o formidável sucesso de A Paixão de Cristo, o filme de Mel Gibson, e dos múltiplos Oscars atribuídos ao último filme da trilogia O Senhor dos Anéis,* ***a incrível epopeia de Tolkien que pode contribuir para reevangelizar a imaginação****. Mas isso é ainda mais verdadeiro no sentido amplo da cultura. Assim, é especialmente importante refazer uma economia cristã: uma economia que integre o dom, o exercício das virtudes – incluindo uma justiça preocupada com os pobres – e a busca de outros objetivos além da produção e consumo de riquezas materiais. Esta abordagem pressupõe, antes de tudo, uma crítica radical das pseudo-ciências sociais (começando pela chamada "ciência econômica" moderna) que não são nada mais que teologias heréticas.*

*Quem fala de cultura fala de culto. Se toda cultura só faz sentido como participação em Deus,* ***a sociedade humana deve render culto a seu Criador e Redentor****. Uma ordem verdadeiramente cristã é uma ordem litúrgica.* ***Uma civilização verdadeiramente cristã*** *– e, portanto, autenticamente cristã –* ***é impregnada de ritos e rituais****. "Dêem-nos ritos!" exclamava*

*o poeta Rilke.* ***A liturgia*** *não é um passatempo de domingo: é a atividade humana por excelência, no coração da cidade,* ***no centro de nossas vidas****.* ***A importância que lhe reconhecemos é outro ponto de encontro com os teólogos radical-ortodoxos****: "O culto litúrgico não tem como objetivo principal melhorar a qualidade de nossa vida coletiva, ele é a própria coroação dessa vida coletiva. Trabalhamos, que queiramos ou não, para a edificação de uma sociedade fundamentada na justiça quando, do excedente de nossa produção, fazemos coletivamente uma obra de beleza, visível ao olhar de Deus" (****Catherine Pickstock****, prefácio à Orthodoxia Radical, Ad Solem 2004).*

Essa confrontação com as angústias e questões de nossos contemporâneos é um eixo chave. Pois não se trata de ser "antimoderno" ou "pós-moderno", "conservador" ou "progressista": trata-se, a partir dos recursos próprios de nossa fé, de mostrar que somente uma teologia fortemente enraizada no melhor de sua tradição patrística e medieval é capaz de discernir o positivo do negativo na modernidade. Este *programa já era o dos tomistas da primeira metade do século XX. Ele é bem diferente das tentativas sucessivas e impotentes de teólogos que pensam poder se apoiar na modernidade e seus avatares (as ciências sociais, a experiência dos crentes, etc.) para repensar a fé.*

*Contrariamente ao que se poderia temer,* ***a afirmação voluntária do poder da fé*** *não produz uma crispação identitária, mas, ao contrário,* ***relança o ecumenismo****. Não o ecumenismo por baixo, na busca do menor denominador comum. Mas um ecumenismo por cima, onde os pontos de divergência surgidos desde a Reforma são colocados em seu devido lugar.* ***Particularmente promissora a esse respeito é a redescoberta, por teólogos protestantes, da obra de Santo Tomás de Aquino. Desde a origem, como destaca Catherine Pickstock, a orthodoxia radical se descobriu como ecumênica****: "Seus primeiros adeptos eram anglicanos e católicos romanos. Mas agora conta com simpatizantes de todos os horizontes da família cristã, ortodoxos orientais, metodistas, batistas, presbiterianos. O interesse desses últimos é surpreendente na medida em que nosso Movimento se apresenta como abertamente católico. É, no entanto, importante notar que hoje muitas Igrejas protestantes buscam reencontrar uma catolicidade mais ampla. Aqueles que criticaram, de forma um tanto leviana, o que chamaram de 'antiprotestantismo' do Movimento ignoram a pertinência de suas aspirações ecumênicas. Ele convida protestantes e católicos a examinarem os pontos que os dividem e a se perguntarem em que medida seus desentendimentos não resultam de interpretações errôneas de certas tendências extremas que surgiram no crepúsculo brilhante do pensamento escolástico. Essa proposta não tem nada de particularmente original em si mesma. Ela subjaz a boa parte da reflexão teológica do século XX, tanto protestante quanto católica. Estamos simplesmente buscando torná-la mais explícita" (id.).*

***Outro ponto de convergência com o catolicismo social é a vontade afirmada pela Orthodoxia Radical de demonstrar como a participação em Deus implica necessariamente uma participação social no plano terreno***. Como escreve Catherine Pickstock, "o cristianismo que deseja renovar o homem individual, o homem interior, também tem a tarefa de renovar a própria comunidade humana" e é "a própria Igreja que deve ser o local inicial dessa comunidade renovada" (id.). Essa perspectiva nos entusiasma. Não a você? **Denis Sureau**, ***Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

*Catherine Pickstock escreve: "**O culto litúrgico** não tem como objetivo principal melhorar a qualidade de nossa vida coletiva, ele **é a própria coroação dessa vida coletiva**. **Trabalhamos, que queiramos ou não, para a edificação de uma sociedade fundada na justiça quando, do excedente de nossa produção, fazemos coletivamente uma obra de beleza, visível ao olhar de Deus**."*

"*Precisamos reencontrar **o sentido de um verdadeiro ritual litúrgico, ou seja, a sensação de algo belo e constantemente repetido**, embora de uma maneira a cada vez diferente. Precisamos reencontrar a sensação de que nosso trabalho e nossa vida coletiva só podem encontrar seu cumprimento em uma oferta litúrgica a Deus. E acima de tudo, precisamos nos impregnar dessa sensação de que a caridade (...) não é, em última análise, senão uma troca de dons; pois **se o trabalho humano produz mais do que o necessário, essa abundância,** longe de servir para encher os cofres de um velho avarento, **deve ser alegremente oferecida a Deus, a esse Deus que alimenta o jogo dessa troca de dons entre o divino e o humano**. É unicamente dessa forma que poderemos reencontrar o radicalismo da ortodoxia." **Catherine Pickstock**, prefácio à Orthodoxia Radical, Ad Solem, 2004*

**Fim da citação da CSI-Diffusion**

---

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

[30] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

[31] NdT: anglo-catolicismo é sinônimo de anglicanismo.

# ANEXO II - GRÉGORY SOLARI, O EDITOR DE CATHERINE PICKSTOCK, GOSTA MUITO DA INGLATERRA E DA « CRISTANDADE EM MINIATURA » QUE REPRESENTA AOS SEUS OLHOS O ANGLICANISMO

Citamos aqui o estudo « *L'AngliCampos* » da CSI-Diffusion[32], publicado em 5 de julho de 2005 e que publicamos em nosso site. Trata-se da entrevista com Grégory Solari, editor de **Catherine Pickstock** em Genebra (Edições Ad Solem). Este texto foi publicado na edição de abril-junho de 2004 da revista Kephas (movimento da FSSP). 'Editor católico em Genebra: por uma cultura eucarística' – Entrevista[33] de **Grégory Solari** com o padre **Bruno Le Pivain** (Kephas – Fevereiro de 2004)

**« Kephas**

*Para além de Newman, se distingue também uma "filiação anglófila" muito presente em seu catálogo, tanto por meio de obras sobre a obra de Tolkien, quanto pela atenção dada ao movimento teológico anglo-saxão Radical Orthodoxy ou a um escritor como David Jones. Esse movimento tem uma história?*

**Grégory Solari**

Sim, a minha! Perdoe-me esta digressão pessoal, mas não há outra razão. Sempre pensei que existia uma “climatologia” ou uma “geografia” da alma, ou seja, que algumas paisagens, algumas regiões, refletem seu ser próprio ou o revelam. Para mim, essa região “icônica” sempre foi a Inglaterra. Isso vai chocar seus leitores franceses. Como assim, a pérfida Albión em vez da doce França!? Sim, mas a Albión que não é mais tão pérfida assim, é a terra Branca, como era chamada na Idade Média, a terra de Arthur, da civilização de Northumbria, onde, durante vários séculos (entre os séculos VII e X), a cultura antiga herdada de Roma foi preservada e cultivada nos mosteiros anglo-saxões, e depois retransmitida por homens como Alcuin de York, que Carlos Magno chamou para sua corte para criar em Aix-la-Chapelle o centro de onde partiriam os missionários que iriam reevangelizar a Europa pela fé e pela cultura.

O cisma de Henrique VIII certamente contribuiu para isolar a Inglaterra ainda mais. No entanto, ela permaneceu uma « Cristandade em miniatura », que, embora tenha perdido sua comunhão eclesial com Roma, também escapou de outros males, como a Revolução Francesa, que fez a França perder a homogeneidade de sua fé e de sua cultura. Em homens como Newman, Tolkien, C.S. Lewis, G.K. Chesterton, Christopher Dawson, David Jones, ou ainda os protagonistas do Movimento *Radical Orthodoxy* liderado por John Milbank e Catherine Pickstock, encontramos em suas vidas ou em seus pensamentos essa unidade da fé e da cultura necessária para realizar a nova evangelização.

---

[32] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

[33] http://www.revue-kephas.org/04/2/Solari123-132.html

# ANEXO III - QUEM É O REVERENDO CHADWICK?

Segundo a informação de 9 de julho de 2004 de um fórum que o Reverendo Chadwick não desmentiu, ele foi « ordenado » diácono no Instituto do Cristo-Rei, depois *« foi ordenado por Monsenhor Terrasson (antigo do Palmar de Troya). Ele foi consagrado bispo (2000) por Monsenhor Lucien-Cyril Strijmeersch (belga falecido) que acumulava um certo número de consagrações (Jean Gérard Roux, André Enos, Philippe De Coster). Monsenhor Chadwick afirma ter sido reordenado sacerdote por um bispo da sucessão Duarte-Costa (um bispo brasileiro excomungado fundador da Igreja católica apostólica brasileira) »*

Ele responde então, por conta própria, em um fórum público na internet em 5 de abril de 2006:

> *« Sou sacerdote anglicano da "Communion Tradicional Anglicana" (TAC) desde 9 de agosto de 2005. Consequentemente, não tenho nada a ver com os meios tradicionalistas mais ou menos católicos romanos. Não procuro exercer nenhum ministério em seus meios. Estou perfeitamente em ordem canônica com a Igreja (não romana) à qual pertenço (...) Renunciei ao exercício do episcopado para servir a TAC como simples sacerdote. Portanto, sou um simples sacerdote (...) Perdi minha incardinação no Instituto do Cristo-Rei por ter aderido a uma igreja não católica romana em 1995. Nunca recebi uma sentença 'ferendae sententiae'. Estou certamente excomungado 'latae sententiae'. Portanto, não recebo nenhum sacramento da Igreja católica romana ».*

Nesse mesmo fórum, o reverendo Chadwick anunciou nessa data que iria se casar, segundo as normas da Igreja anglicana, dois meses depois.

# ANEXO IV – TEXTO DO REVERENDO CHADWICK DESCREVENDO ‘SEU ESPÍRITO’

**Reverendo Chadwick**

http://perso.orange.fr/civitas.dei/

Este site é mantido pelo padre Anthony Chadwick, um sacerdote da *Traditional Anglican Communion*.

Esta comunhão anglicana, independente de Canterbury, é uma entidade internacional que se compõe de várias centenas de milhares de fiéis distribuídos em 33 dioceses em 44 países, falando mais de 7 idiomas, sendo o inglês o menos falado. Ela está em diálogo com a Igreja católica romana há cerca de quinze anos.

O anglicanismo clássico da "alta igreja" representa, portanto, uma visão profundamente católica, muito próxima da Igreja católica romana em matéria de doutrina e prática litúrgica. As diferenças estão principalmente no nível cultural e espiritual. A visão da TAC consiste essencialmente em um desejo de reconciliação na diversidade.

Encontramos pontos de profundo acordo com o ensinamento do Papa Bento XVI e com sua vontade de desfazer o espírito de ideologia que reina há mais de 40 anos em todos os meios do cristianismo ocidental, especialmente promovendo a harmonia entre a fé e a razão.

---

Esta página descreve brevemente o espírito da Comunhão Anglicana Tradicional (TAC), seus objetivos e o que poderia interessar um crente francês de determinado temperamento.

O que distingue o anglicanismo clássico em nosso tempo é muito sutil, rompendo com todas as ideias preconcebidas ao longo dos séculos em um país que conhece apenas o catolicismo romano e o protestantismo histórico segundo as bases estabelecidas por João Calvino e Martinho Lutero. Mas, não são os franceses que têm os maiores protagonistas do ecumenismo, a saber, os padres Paul Couturier (1881-1953) e Fernand Portal (1855-1926)?

O grande teólogo Louis Bouyer, ex-luterano convertido ao catolicismo, tinha um grande interesse pelo anglicanismo para redescobrir as bases de um renovo na Igreja católica. O anglicanismo sempre esteve no centro da reflexão e do movimento ecumênico, especialmente entre teólogos franceses como Henri de Lubac e Yves Congar.

O anglicanismo contemporâneo atravessa uma crise terrível, muito pior do que no catolicismo pós-conciliar, o que põe fim ao movimento de aproximação iniciado pelos arcebispos de Canterbury e pelos papas João XXIII e Paulo VI. Os desafios são diferentes, mas as ideologias de "direita" e "esquerda" se reúnem no anglicanismo assim como no catolicismo romano na França. O resultado é o mesmo: menos de 5% de prática entre os batizados, sendo que a maioria já ultrapassou a idade da aposentadoria.

A Comunhão Anglicana Tradicional é um movimento de *reação*, assim como seus análogos no catolicismo romano, uma reação contra a dissolução de todos os princípios doutrinários ou valores morais. No entanto, não adotou uma atitude tensa em relação aos ensinamentos do Vaticano II sobre o ecumenismo, a teologia da Igreja e do Episcopado, e sobre a liberdade religiosa. Sua posição é caracterizada por um espírito mais conservador do que "tradicionalista" ou "integrista". É um espírito fortemente enraizado na *moderação* anglo-saxônica e em nosso desejo de diálogo razoável e racional.

Nosso espírito foi moldado por nossa história e por nossa experiência. Nossa tradição viveu a crise do século dezesseis. Ela atravessou as polêmicas daquela época, para se dedicar ao estudo dos Pais da Igreja, redescobrir as riquezas da tradição católica de todos os séculos e, finalmente, promover uma restauração litúrgica e espiritual. É o legado dos *Caroline Divines* e do movimento de Oxford. A TAC apenas continua esse movimento de restauração católica em um espírito nórdico e sóbrio.

Abandonei a ideia de fazer uma "loja" ou capelania em um sentido formal. A razão é simples: tal abordagem é prematura. O cenário religioso na França se divide entre as expressões vividas no catolicismo romano e no seio dos grupos reacionários. Há uma minoria protestante entre as igrejas reformadas históricas e as comunidades evangélicas importadas dos Estados Unidos, mais ou menos inculturadas aqui. Alguns franceses se converteram à Ortodoxia, mas essa abordagem requer uma adaptação cultural radical da qual a maioria de nós não é capaz, espiritual ou afetivamente. O anglicanismo permanece amplamente desconhecido, uma questão de algumas igrejas e capelanias discretas, voltadas para turistas e expatriados ingleses, sob a jurisdição da Igreja da Inglaterra.

Finalmente, o anglicanismo é algo tão sutil e refinado. A maior parte das pessoas, cristãs e não cristãs, não tem a capacidade de reflexão ou a curiosidade intelectual para ir além das ideias preconcebidas. Não somos suficientemente demagogos ou intolerantes para interessar a massa de cristãos superficiais. Talvez, em um nível pessoal, eu não tenha uma grande aptidão para o ministério pastoral que envolve adaptações a estratégias "comerciais" junto aos "clientes". Conheci as paróquias "à moda antiga", mas tudo isso mudou agora com o espírito "tecnocrático" e "burocrático", além da escassez de clérigos e fiéis bem formados.

Há tentativas por parte da Igreja Episcopal Americana e da Igreja da Inglaterra de divulgar o anglicanismo nos meios francófonos. Em particular, há alguns ensaios escritos por Monsenhor Pierre Whalon, Bispo da Convocação da Igreja Americana na Europa. Há também um sacerdote francês da Igreja Americana na Gironda que mantém um blog - Episcopaliens francophones (não atualizado) e seu site paroquial. Sua posição é mais "moderna" do que a nossa, mas merece ser lida. A igreja Saint Michel em Paris da Igreja da Inglaterra estende seus ministérios entre os franceses. Um artigo testemunha o interesse em divulgar o anglicanismo entre os francófonos no Canadá, na França, nas antigas colônias e nas missões.

Ao contrário das Igrejas na Inglaterra e nos Estados Unidos que têm missões na Europa, caracterizadas por um espírito "moderno" e liberal ou "evangélico", a TAC está fortemente ligada ao movimento católico fundado por Newman, Keble, Pusey e vários outros. Essa dimensão do anglicanismo permanece desconhecida na França, bem como suas sensibilidades litúrgicas e espirituais.

Como falar de uma *identidade* anglicana quando se afastou dos princípios da Reforma protestante e dos formularios da "*low church*"? A TAC é realmente anglicana, em vez de "velha-católica"? A identidade anglicana também foi estreitamente associada ao *Estabelecimento* do estado inglês. É tão difícil imaginar o anglicanismo sem o Estado inglês quanto o galicanismo sem Luís XIV e Bossuet! É inegável que a eclesiologia de *comunhão* do anglicanismo teve uma grande influência na Igreja católica romana na época do Vaticano II.

Hoje, a identidade anglicana se expressa praticamente da mesma forma que o catolicismo romano contemporâneo, entre o "liberalismo" e o catolicismo "conservador". Simplesmente, nós, da TAC, retornamos ao *catolicismo* que hoje está expurgado das corrupções que foram as causas da revolta de Lutero, Cranmer e outros reformadores. Buscamos desenvolver e seguir um espírito que não é muito diferente do que o Papa Bento XVI claramente busca promover - ou seja, o espírito litúrgico em uma Igreja fiel à mensagem de Cristo, espiritual e missionária.

Uma igreja *low-church* preparada para a Ceia - para contrastar com o estilo *high-church*. Nela, a Eucaristia é celebrada do lado esquerdo. Essa maneira, em voga na *low-church* até a introdução da celebração de frente para o povo na década de 1960, é rara desde os avanços do movimento católico no anglicanismo. É importante notar que não há cruz ou candelabros sobre a mesa.

Um dos primeiros altares da época ritualista (c. 1860)

O espírito de revolta e de polêmica integrista nos é estrangeiro. Nós viemos de longe: da velha Inglaterra e de suas missões históricas na Austrália, nas Américas, na Índia, na África e em alguns outros locais. O espírito anglicano permanece firmemente enraizado em uma piedade litúrgica de acordo com os ritos da Missa e do Ofício Divino. O anglicanismo nunca precisou de uma pluralidade de devoções não litúrgicas ou de mau gosto em sua iconografia, e ainda menos de um "*mercado de bondieuseries*". Essa não é a nossa forma de agir.

É necessário também, com toda honestidade, dizer que a identidade anglicana é fraca. Assim como o "catolicismo sem papa" tradicionalista, o anglicanismo do *Continuum* teve muita dificuldade em se manter unido. O leitor pouco familiarizado com o anglicanismo se depara não com uma contestação unida, mas com uma variedade de grupos, cada um com seus próprios sotaques, sem mencionar as rivalidades pessoais entre bispos, que também desempenharam um papel nesse esfacelamento. A situação está melhorando nos Estados Unidos, onde as grandes Igrejas do *Continuum* começam a se unir e a enterrar suas diferenças.

O grande desafio para nós consiste em fortalecer essa unidade a fim de encontrar a comunhão com Roma. Precisamos nos unir em torno do Sucessor de São Pedro, mantendo nossa identidade espiritual, nosso legado litúrgico, espiritual e teológico. O que o anglicanismo pode trazer à Igreja universal?

Primeiro, conservamos uma expressão católica que não foi influenciada pelo ultramontanismo (exagero da autoridade do Papa) ou pelas tendências espirituais e teológicas da época barroca e do século XIX. Nosso catolicismo é um catolicismo do norte, que não encontra uma simpatia natural com o catolicismo da cultura latina. Sofremos as influências do protestantismo, cujas algumas dimensões são saudáveis (por exemplo, o amor pelas Sagradas Escrituras). Assim como os alemães, mantivemos nosso amor pela música e pela beleza sóbria, um senso de bom gosto e harmonia. O verdadeiro gênio do anglicanismo é o Ofício Divino segundo o *Prayer Book* de Cranmer. Ele é ainda mais simples do que a *Liturgia das Horas* de Paulo VI, muito fácil de seguir pelos fiéis.

Acima de tudo, o gênio do espírito anglicano, tal como foi desenvolvido no século XVII, é sua capacidade de dialogar e raciocinar. A fé anda de mãos dadas com a razão, uma noção particularmente querida ao Papa Bento XVI. Os convertidos do anglicanismo para o catolicismo romano geralmente enfrentaram muitas dificuldades, pois as duas tradições são semelhantes, mas, ao mesmo tempo, distantes uma da outra. Nosso racionalismo se opõe ao espírito do fideísmo cego dos conservadores católicos romanos e ao "culto da feiúra" dos "progressistas".

Trata-se do retorno a uma vida litúrgica cuidada, autêntica e sóbria e, ao mesmo tempo, do retorno à teologia dos Pais da Igreja e sua visão profundamente bíblica.

Podemos acrescentar o *conservadorismo tolerante*, pois os anglicanos preferem o *diálogo* e o uso da *razão* às polêmicas onde cada parte acredita possuir a verdade. Estamos muito ligados à *moderação* e à busca do meio-termo (via media) entre os extremos.

Conhecemos nossas fraquezas e forças, e confiamos que a Igreja católica romana contemporânea assumirá essas diferenças, assim como acontece com aqueles que se apegam à tradição tridentina. Somente hoje a Igreja católica romana começa a conceber a unidade na diversidade, evidenciada pela possibilidade de que Bento XVI publique um documento para liberar o uso do rito pré-conciliar para aqueles que desejam. É incrível que alguns bispos franceses não consigam tolerar a presença de dois ritos na Igreja, embora a missa dita de Paulo VI não seja uniforme entre duas paróquias de seus diocesanos! O "glasnost" e a "perestroika" que estão chegando à Igreja podem apenas encorajar os católicos anglicanos em nossa busca por unidade.

Quanto às relações entre a TAC e Roma, o que interessaria aos católicos franceses, temos essas palavras de nosso arcebispo, Monsenhor John Hepworth (início de 2006):

> *Seremos absorvidos por Roma? Os católicos romanos (...) nos encorajaram a manter nosso legado anglicano. Um autor escreveu, com emoção, que a TAC busca "obter a comunhão (com o Santo Sé) enquanto mantém essas tradições veneradas de espiritualidade, liturgia, disciplina e teologia que constituem o legado multi-secular das comunidades anglicanas em todo o mundo".*

*Nós buscamos ser "católicos-anglicanos", ou seja, valorizar nosso anglicanismo enquanto estamos visivelmente unidos à Igreja católica completa, uma união que nossos formulários já mencionaram.*

*(...) Há dois documentos em fase final de preparação. O primeiro é um "plano pastoral" que tem como objetivo "verificar a TAC como um interlocutor digno com a Igreja católica romana" e estabelecer os "níveis desejados de reconhecimento por Roma tanto antes quanto depois do ato de plena comunhão".*

*Se o documento receber a aprovação de toda a Comunhão, ele será formalmente apresentado ao Santo Séu, e um processo mais formal será estabelecido. (...)*

*O segundo documento é uma proposta formal da TAC ao Santo Séu para se tornar uma "Igreja de Rito Anglicano" sui juris em comunhão com o Santo Séu".*

O diálogo continua discretamente, e segundo um sacerdote católico romano nos Estados Unidos: *De acordo com o que aprendi por várias fontes, a Congregação para a Doutrina da Fé em Roma está trabalhando para preparar propostas para futuras relações com organizações e grupos anglicanos de orientação católica ortodoxa, com as igrejas anglicanas "continuing", bem como com grupos e "fraternidades" luteranas de orientação católica na Europa e a Igreja Católica Nórdica na Noruega.*

Foi necessário um Papa alemão para começar a entender essas aspirações! Avançamos com confiança e fé em direção à unidade desejada por Cristo - *ut omnes unum sint*!